

Até Jazz

JERÓNIMO BELO



"Hoje, pôr em causa o AngraJazz cheira a suicídio. Não sei, mas temo que outros perigos possam ameaçá-lo. Há muitas formas de morrer e outras tantas de matar. Estar atento aos sintomas é indispensável. Prevenir é legítima defesa. Resistir é, mais do que um direito, um dever. De todos nós, os que fazem o festival e os que o assistem e assim querem continuar".

"20 anos de um festival são uma vida. Mas isso já não nos chega. Queremos a eternidade!".

(António Curvelo)
Poeta da escrita Jazz

AngraJazz, um festival em maré alta

Neste Outubro, chegou ao fim num sábado, a adormecer em domingo, o festival que sacode a pacata Ilha Terceira, nos Açores. Chegou ao fim a 23.ª edição. Uma iniciativa corajosa e meritória, que vem mantendo enorme coerência estética, sempre com grande qualidade e inovação que a têm caracterizado.

Em Angra do Heroísmo, a tal "Ilha da improvisação nocturna", o Jazz tem conquistado um público interessado, sensível e militante. Música que, em Outubro, acontece nos espaços públicos da cidade (bibliotecas, escolas, cafés, etc.), o famoso "jazz na rua" e especialmente no Centro Cultural e de Congressos da cidade onde se realizaram nas noites de 6, 7 e 8 (quinta, sexta e sábado), de que demos nota na edição anterior deste semanário.

Mas regressemos então aos Açores, agora que já caminham no chão da minha terra.

Creio ter sido o cineasta americano radicado na Inglaterra, Joseph Losey (1909-1984), que comparava certas dificuldades filmáticas à possibilidade de se introduzir o luar numa garrafinha de cerveja.

O autor de "O criado", que, nos anos 60, vestido com as minhas blues jeans, lavadinhas com água da Ilha de Luanda, para dar um toque de muito uso, vi algumas vezes no então Miramar para entender certos detalhes para mim difíceis, tinha toda a razão. Talvez seja mais fácil meter o luar na garrafinha de cerveja do que explicar aos meus estimados leitores o que aconteceu, mesmo de forma breve, em Angra do Heroísmo, no Festival de Jazz. Há muitas coisas que não se traduzem por palavras, vivem-se e pronto. Acabou.

O Jazz é assim. Não se deixa agarrar nem aceita repousar em esquadrias rígidas. Mas, não é preciso vencer todos os dias, o importante é ir tentando; lutar sempre.

Vamos então falar do Jazz que vi, ouvi e vivi no Festival, sublinhando, entretanto, que existem concertos que não ficam a moer conosco nem deixam marcas tatuadas na alma. E existem aqueles que se colam, que não nos largam nunca, vivem conosco, e nós passamos a caminhar, como dizia Edzardo Prado Coelho, numa espécie de planura de encantamento.

Conhecia mal a cantora americana, de Bronx- Nova Iorque, Samara Joy. Não conhecia o seu primeiro trabalho discográfico, mas do seu disco "Linger Awhile" de 2022, anunciado pela famosa editora Verve, tinha ouvido já alguns temas. Havia, devo dizê-lo, uma enorme expectativa. E porquê?

Começou nas Igrejas Negras, como grande parte das suas colegas, e terá chegado ao Jazz vocal pela mão de Grandes Senhoras: Sarah Vaughan (1924-1990), o

encanto da improvisação e a musicalidade; Betty Carter (1929-1998), a pureza do timbre e a audácia rítmica; Carmen McRae (1922-1994), ricas nuances e enorme capacidade expressiva na arte da balada; e ainda Abbey Lincoln (1910-2010), notável dicção, grande sensualidade, e "jazzwoman noire engajé".

Quem, apesar de curto, apresenta este percurso profissional, evitando atalhos e percorrendo as avenidas largas do canto jazzístico, sabe por onde não deve seguir?

Depois do primeiro tema da noite "This is the moment", com que abriu as hostilidades, e à medida que ia avançando nos grande temas de sempre do Jazz vocal, "Can't get out of this mood", "Tight", "If

essencialmente vocal, da qual o Jazz não é senão a tradução instrumental e o prolongamento estético foi um dos grandes momentos da noite.

Estava tudo dito, ou melhor, cantado? Não.

O público completamente rendido face a uma presença tão contagiante exigiu mais um tema. E Samara não recusou, tendo-nos oferecido uma versão ímpar, indescritível de "Stardust" ...que mora comigo, depois de todos esses dias.

Seria gravemente injusto e lacunar, particularmente nos momentos em que o entusiasmo cresceu nas interações entre a cantora e o seu trio: Vincent Bourgeyx-piano, Mathias Alamane - contrabaixo e Malte Arndal em bateria, não sublinhar que o trio esteve particularmente bem e os seus integrantes de uma segurança e musicalidade exemplares. Sempre à altura das exigências.

P.S. Antes do jazz amanhecer um olhar aos ritmos coloridos: uma bela e muito interessante exposição de Carlota Pinto Leite, inaugurada a 6 de Outubro no Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo. Os quadros vão bem com o Jazz.

E uma reflexão atenta à música de Pedro Moreira Sax Ensemble. Dez músicos muito competentes em palco nessa noite de Sábado, absolutamente prodigiosa. Uma (quase) "big band" apostada na divulgação do repertório de um dos mais empolgantes compositores / arranjadores portugueses: Pedro Moreira.

Uma carreira magnífica, notável, que se traduz nas desenhadas ideias e na grande riqueza harmónica das suas criações.

O decateto ofereceu-nos uma música de grande nível, patente no disco de 2021: "Two Maybe More".

A actuação da banda traduz de forma inequívoca o momento alto do Jazz praticado em Portugal.

Quando escrevo este trabalho soube que o genial fotógrafo italiano, Giuseppe Pino, nos deixou a 13 de Setembro. Pino foi, durante décadas, um activo colaborador da revista Jazz Magazine. Dezenas de números da prestigiada revista têm como capa fotos de sua autoria. Pino, Rosa Iteis, Herman Leonard, Alan Lomax e o autor das fotos que apoiam esta linha, Rui Caria, trazem-me à memória um texto insubstituível "Habitat do Jazz", de Maria do Carmo Serén, do Centro Português de Fotografia, que diz e passo a citar: "antes de tudo o Jazz é uma emergência, como um vendaval ou um enxame de abelhas: um vendaval que se anuncia, uma presença que corta a respiração e desassossega o corpo".

O AngraJazz continua a desassossegar como convém a qualquer iniciativa Jazzzy digna desse nome. ■



Samara não se esqueceu do que constitui parte essencial, incontornável, da história Afro-americana, tendo, por isso, arrancado a terminar, com o apoio do público, um Blues...

you'd stay the way I dream" e "Retribution", Samara, que é uma cantora com memória, passou, com a sua voz afinadíssima e ondulante, por caminhos obrigatórios da composição jazzy, os eternos "standards": Monk, que não se esgota em "Round Midnight" e também escreveu "San Francisco Holiday", mergulhou em Fats Navarro, o trompetista-compositor injustiçado do Bebop.

E a noite a avançar e a empatia a adensar-se entre cantora e público.

Uma actuação muito, muito agradável, diria mesmo contagiante. Samara não se esqueceu do que constitui parte essencial, incontornável, da história Afro-americana, tendo, por isso, arrancado a terminar, com o apoio do público, um Blues; essa forma maior,